

ALTA MADRUGADA NO TAPANÃ: estratégias de convívio com o medo

Lenon Victor Xavier Brasil

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA

lenonxavier@hotmail.com

I

Este é um exercício de escrita historiográfica das memórias, proposta de composição do cotidiano dos moradores da periferia do Tapanã. Tem ainda como intuito, avançar nas considerações teóricas e práticas que envolvem, no mestrado de História Social da Amazônia, meu objeto de pesquisa, formação da ocupação Capucho – chegas por lá, e talvez se disseses Capucho não reconheçam. Assim quem chama, hoje em dia, são mais *os de fora*. Quem mora ali conhece a área como Final da linha do Tapanã, perto da feira.

O processo de territorialização no Tapanã intensifica devido, em grande medida, às ações de ocupação de famílias sem moradia, e que vão se articulando em torno de movimentos sociais como o Conselho Comunitário do Tapanã e o Grita Tapanã, um processo de urbanização metropolitana que remonta às décadas de 1980 e 1990.

Frequento por quase 8 anos a rua das orquídeas, número 116, e como tenho estudado os imbricamentos da memória coletiva para o processo de formação desta área de periferia, decidi fazer o exercício de recontar algumas experiências minhas e de dois amigos, moradores do 116, Marina Muniz hoje com 31 anos e Marvison Muniz atualmente com 28, ainda na infância conviveram com a ocupação na década de 90, para considerar estratégias que disputam a identidade e emancipação do território quando confrontados com a violência e a atmosfera do medo envolvidos em áreas de ocupação nos dias atuais. O que envolve um caso particular, o meu primeiro contato com o Tapanã na madrugada.

A mescla literária na forma da escrita, foi estimulada por grandes mestres que vêm me auxiliando na compreensão de como transfigurar nas palavras do papel os

acontecimentos e suas enevoadas feitiçarias. Destes posso salientar, Dalcídio Jurandir (1991) e seu emocionante *Alfredo de Chove nos Campos de Cachoeira*, sua influência me levou a *Miguel, afilhado-do-diabo*, de Benedicto Monteiro (1991), na sequência poderás, caso tenhas intimidade com o autor, ver rastros da sua narrativa em *Verde Vagomundo*. Mas também, devo lhes falar de um Balzac (1954) que me encantou sobremaneira, continuam vivos na minha lembrança a fantasia filosófica de Rafael em *A pele de Onagro*. Digo-lhe que o contato com elas, fez em mim fortalecer a crença de que encontraria na literatura, respostas para os problemas do meu objeto de pesquisa, mas também, possíveis habilidades para captar o espírito dos nossos confidentes da memória.

Uma escrita baseada, também, nas minhas impressões, nas análises que possam provocar uma criticidade sobre as situações em que se encontram as condições de vida dos moradores das áreas periféricas de Belém. Mas fico com a impressão de que ti adiantar certos preceitos pode influir em uma leitura caricaturada das situações que envolvem o caso. Compreendo certos íntimos sentimentos do leitor, provocados quando do contato com leituras que atestem certo grau de implicação política, por isso peço (ou mesmo desejaria) que consideres as possibilidades em que o exercício a seguir pretende se debruçar. Não ti precavenha, antes, adentre comigo nessa curiosa hospedaria do diabo¹.

II

No centro de um território circundado por uma usina da Petrobrás, por um circuito militar da Marinha Brasileira e pelo aeroporto internacional de Belém, se encontra o Promorar, conjunto onde moro desde criança. Não é um lugar desprovido desse mal que atormenta os bairros citadinos, uma praga disseminada: a violência urbana. Nos

¹ Alusão à Hospedaria do Tapanã, também conhecida infelizmente como Hospedaria do Diabo. No início dos anos 40 intermediava abrigo de nordestinos fugidos da seca, e que seriam mandados para os rincões da floresta amazônica, nos principais pontos de retirada da seiva de látex necessária à produção da borracha que serviria aos países Aliados na Segunda Guerra Mundial, nordestinos estes que também ficaram conhecidos como Soldados da Borracha. A Hospedaria continuou existindo até meados dos anos 50. A profunda miséria dos hóspedes que ali passavam demarcaram a pérfida alcunha sugerida. (MENDONÇA, 1983).

trancamos a partir das 22h, e os mais jovens que ficam na rua, são alertados do iminente perigo. De vez em quando o relato de um vizinho sendo assaltado. De uma batida policial. De um corpo no canto. Cenas de escárnio. Bizarra multidão correndo atrás de um pretinho de 16 anos, “pega ladrão, pega ladrão”. Tenho contato com essa Belém que divulga tediosamente várias mortes diárias – grossas páginas sensacionalistas e banalizadas colorem a atmosfera de sangue amarelo-preto.

Saindo do Promorar, chego no Tapanã através da Rodovia Arthur Bernardes, que é bem curvinha em largura, mas rota de grandes caminhões. Para ti dares uma impressão: quando se entrecruzam na Arthur Bernardes, dois caminhões vindo em sentidos opostos, ficam assim bem grudados, tamanha é sua finura – se estás passando de bicicleta tu ti curva bem no meio fio, tesó, só podes sentir o grande porte e o rufar da potência de mil metais.

Da primeira a oitava série, estudei em duas escolas às margens dessa Rodovia: Nossa Senhora de Fátima e Almirante Renato Guillobel. Quando saía da aula, nos dias que brincando fugia da seriedade do tempo, podia ver circular um ônibus, Jardim Europa. Pensava, inocentemente, que ele podia levar a um lugar fabuloso. Imagina: *Jardim*, verde, rosa, amarelo, um colorido repleto de cheiro que a televisão nos mostrava. E a *Europa* de grandes batalhas e muitos trunfos, riquíssima e poderosa. Automaticamente transportado, pensava em palácios franceses gigantescos. Trens alemães passando por cenários sublimes. Prédios imensos e luminosos rasgando o céu de Londres.

Alguns anos passaram. Minha imagem já reformulou há muito esses caminhos. O Jardim Europa passou a ser um velho aliado pelas andanças na cidade. Com ele adentrei e posso dizer que quase morei no Tapanã, esse que é o quarto maior bairro de Belém em termos populacionais, segundo o Anuário Estatístico de Belém 2012 – periferia perto do distrito de Icoaraci, distante do centro da cidade, daquelas que se chamam as vezes dormitório: uma marcha em carreta de trabalhadores ao centro de dia, a noitinha retornam pra rever a família e seus programas favoritos sob os auspícios de um stress corrosivo. Coisa estranha, como coisa que ronda o entorno do Tapanã, sua imagem parece sobrecarregada de maneira peculiar – lugar de extrema periculosidade.

III

Meia hora, podendo oscilar 20 minutos para mais ou cinco para menos, me conectam Do Promorar à Rodovia do Tapanã. Viajarás comigo em uma jornada sobre uma embarcação laranjadinha, pouco luxuosa, mas obstinada a cumprir seus designios até o fim. Entrai no Jardim Europa e logo verás cadeiras postas em sobreposição com aspectos amarelos, marrons, pretos, cinzas e azuis. Somam-se um ronco permanente e intenso, um enfurecido gemido que sacode as peças afrouxadas.

Fora dele, perceberás uma área de mata preservada pela marinha, que conduzem a pequenas curvas. Depois disso, a primeira área ocupada, Pratinha I. Estás adentrando na expulsão do centro da cidade, a urbanização e periferização da Área de Expansão Metropolitana² da mata (do rural) belenense. Por isso a quantidade necessária de cimento jorrando. Queimando distâncias. Garantindo nossa sanidade, nossa civilidade. Mais à frente, ao largo, passas por um rio, um dos poucos não soterrados.

Uma linha, nas duas extremidades, de casas com variadas formas e tamanhos. Um bairro que se pinta de comércio bem nas suas beiradas. E a mata, à esquerda, parece que um veú, cria uma fina espessura que protege a Baía do Guajará dos nossos olhos, ou o contrário. Abre os galhos contendo a mira. Deixem-o! Será que tem por intuito afastar o ferro e o concreto, o máximo que ainda pode?

Depois desse primeiro ponto de ocupações, começa a encontrar grandes e médias indústrias. Uma composição de trilha mecanizada até o Tapanã. Cerpa, Tupperware, Trans Mapa, Industrias Reunidas. Envolvendo-as, como trepadeiras envolta de uma grande castanheira, comércios menores, microempreendedores se proliferam ao lado do

² Sobre essa concepção, consultar Trindade Júnior (2016). Ele considera que a partir dos anos 1960 a região metropolitana de Belém cresceu para áreas rurais distantes do centro, depois do cinturão institucional e passando a Primeira Légua Patrimonial de Belém. Esse avanço, acentuado ao longo da Br 316 e da Rodovia Augusto Montenegro, incluiu a expansão da área do Tapanã.

movimento de inúmeros carros e passeantes, enquanto o trânsito pesado de caminhões e carretas continua percorrendo uma área recheada de portos.

O motorista acelera no trecho mais bem asfaltado e sem sinais de trânsito. Como vertigem inopinada, o tempo verga encurtando distâncias, a velocidade ti mostra, além do Icoaraci ver-o-peso passando como vulto, vários becos e ruelas que se abrem em teias de entradas sinuosas, uma composição sempre em confusa expansão. Transcol, Rosa Branca. Fornos e torres imensas. Navios grandiosos, salas de decisões, caminhões de carga, suprimentos, logística, galpões imponentes, sacas e sacas. Casas mal terminadas, madeira caída, plantas comendo fachadas, muros sendo sustentados por paus e estacas reclinadas em ferros oxidados. Transcobras, Agropalma, oficinas torneadoras, borracharias. Vende-se, vende-se, aluga-se. Ivan anuncia, Diniz resolve, encomenda no seu Zé. Brasilit e Celpa. *Quer mais segurança?*

O Jardim Europa desanima suas forças quando deixa o caminho extenso da Arthur Bernardes, e adentra na Rodovia do Tapanã – uma estrada que nos conduz até às rosas e orquídeas. Estamos chegando na antiga ocupação do Capucho, aqui a maior parte das ruas tem nome de flores. Nossa humilde carruagem range ainda mais pelas cicatrizes esburacadas que insistem nessa entrada, face remendada que contrasta com a hegemonia econômica e cultural do centro. Como força centrífuga, de atração sedutora, o centro da cidade cria um magnetismo propulsor de fábulas, ordens e modelos. O fetiche, vivo como marca de fogo, também busca realizar o fascínio da mercadoria, nas casas daqui. E moradores do Capucho desejariam ter assim, uma ala imensa, uma garagem onde pudessem comportar inúmeros carros e algumas motos, do lado de um jardim, de repente o verdadeiro Jardim Europa, que abre formosamente suas pétalas. Imponente, está marcando sombreado ao lado de uma piscina com cascata e iluminação Spot que soma 60m².

Vês que na piscina as visitas se divertem. Com toda delicadeza cruzam as pernas na beira da água azulzinha azulzinha. Com uma taça na mão, mulheres de biquíni extravagante ressoam risos honestos e caprichosos, arrolados em espreguiçadeiras de couro reluzente. Os homens ao redor brincam de bola, mergulham na piscina, esvoaçam

brilhantes pingos d'água e nem se importam com óculos escuros que mergulham juntos. Todos riem, mas tua alucinação é desfeita com o ressoar do Jardim Europa chegando na parada da feira. Vroooooooooom.

IV

Como lembra Portelli (1997, p. 26) “as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher”. O célebre estudioso da oralidade baliza a importância de recuperar os sentidos científicos de ouvir a gente dos bairros comuns e periféricos. Busca-los em especificidades que não estejam secundarizadas por formas hegemônicas da escrita, trabalhando crítica e sistematicamente os liames culturais e materiais, a fim de compreender na entonação, nos gestos, nas sibilacões, nos “erros” gramaticas, interligações da complexidade de vivências culturais ao registro histórico dos dias passados de uma vasta camada da população.

Aliançar formas distintas da escrita com a oralidade, pode trazer uma dinâmica mais favorável ao acesso dos conteúdos produzidos pela ciência. Porque se considero, o Tapanã e o seu cotidiano; se estudo suas memórias, suas vivências, o seu tempo e sua moradia, tenho por reflexão a troca de conhecimentos entre ciência e costumes do cotidiano.

Afinal a discussão sobre os usos da memória enquanto componente do aporte e métier historiográfico, giram em torno de como podemos nos transportar, através da memória, a um passado envolvido por camadas e camadas que tornam a vista nublada. Um passado que se confunde com o presente e com inúmeras outras realidades semelhantes. Estamos compelidos a decidir na ordem do dia sobre qual terra arar, qual chuva pegar, qual história narrar.

A ação coletiva do cotidiano (a memória coletiva, ou a memória social) introjeta um processo tão intermitente, complexo e dinâmico nas nossas feitura, que sua perda ou transfiguração podem acarretar “perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória

coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 421). Como uma disputa temporal e material, as maquinações e virtudes criativas do fazer e sentir concorrem com inúmeras formas constantemente. Provocada, ainda, pela insistência linguística, a memória atravessa tua singularidade e concede à tua face características enrijecidas, como os fortes traços dos irmãos Muniz.

V

Marina caminha com seu vestido florido distraidamente pelo Tapanã, usa um brinco de pena, tem uma pele amendoada, olhar doce e cabelos lisos com mechas marcadas do sol belenense, tem 30 anos. Pediu transferência para creche Nosso Lar, perto de onde mora, para que o dia possa lhe pertencer um bocadinho mais. Pensando na progressiva possibilidade de melhoria de vida, lembrava da primeira semana na escola nova. Meu Deus! Logo de primeira um conflito daquele... Sente-se responsável por aqueles 25 moleques. Instigante, eles se batem o dia todo, todos os dias! Na tal semana, uma das mãezinhas chegou afoita e enfurecida perguntando quem tinha trocado a fralda do seu filho, porque quando chegou do trabalho percebeu que a fralda, muito apertada, produzira uma vermelhidão inócua na cintura do seu bebê. Calma, tentando passar exemplo às suas crianças, que olhavam curiosas para o caso, Marina tentou explicar que as educadoras são responsáveis pelo cuidado diário, e possivelmente ela podia ter trocado o pequeno. A trivialidade de não ter executado a tarefa ao seu gozo, faz detonar o brávia enfurecido da mãezinha. Como quem encontra finalmente um balde onde pode despejar todas as suas antipatias acumuladas, vê em Marina seu reflexo distorcido, reverso fragilizado, a subserviência da outra, a doméstica. *Não serves nem pra trocar uma fralda?* Marina tentou explicar que havia muitas crianças – o trabalho corrido mãezinha, eles se batem todo tempo, a gente mal termina de dar banho em um, e já... *Eu também sou professora!* – gritava ela – *trabalho com mais de cinquenta alunos por dia, não vem com esse papo de muito trabalho.* Égua, não! inadmissível – pensou Marina. Sua adversária não deveria ser sua aliada? Também era professora e não percebia que todo o stress daquele assalto se lhe devia

pela estrutura da violência diária que envolvia sua rotina, seu trabalho, e que negava nos rastros do olhar a igualdade entre elas? Marina também começou a gritar, foram à diretoria. Conversaram bastante. Como o efeito de uma fissura acalentada, do torpor resignado ou do vício saciado, pouco a pouco as duas professoras foram recobrando a existência sob o mormaço da tarde, e a mãe pede desculpas envergonhada. Marina caminha relembrando esses passos, dos alunos que vinham com fome e desejo de fuga. Dos pais frustrados que mal apareciam. Das possíveis mães enlouquecendo. Chorou contida. Um peso nas costas. O pescoço travado. Precisava continuar. Precisava?! Chegando lá sente uma responsabilidade que evoca maternidade. Boa tarde crianças!

Em uma noite próxima deste dia, Marvin desce do ônibus, no fim da linha, depois de um dia cansativo no IBGE e nos ensaios para o espetáculo teatral que vai apresentar, atividade básica para que consiga a titulação de técnico em ator pela Universidade Federal do Pará. Havia se formado em agronomia e não atuava, o que produziu um tensionamento com as aspirações do pai. Quer ser artista. Desce, no auge dos seus 27 anos, com uma roupa mais típica do meio social que está inserido, vestes soltas e coloridas, brinco na orelha, tatuagem no braço e na perna, e o mais chamativo àquela realidade: um cabelo meio raspado e loiro. Coisas do ofício, o espetáculo necessitava. No caminho que percorreu, da parada no centro até o Tapanã, alguns olhares denotavam grande antipatia. Foi observado minuciosamente pela policialesca desconfiança de pessoas se afastando. Risos e negações. Menino preto, rastros indígenas, favelado. *Por que ele não fica quieto no canto? Deve tá querendo aparecer!* Seu aspecto devia lembrar o quê? Um pivete? um malaco? *Viu o brinquinho dele? Além de tudo é viado!* Se lembrou de alguma coisa sórdida do passado, lembranças da reclusa solidão nos dias da adolescência. Do grande amigo que morreu cedo. A selva-de-pedra sobrepujou seus pensamentos. Participou de movimentos sociais e culturais ativamente, desde cedo seu pai, petista e líder comunitário, lhe pintava as cenas políticas da cidade, talvez por isso tinha apurada consciência crítica da sua pertença, da sua identidade. Mesmo assim a coação nos olhares mexeu com sua autoestima, percebeu que o cabelo devorava seu semblante, tornava-o desconhecido ou perigoso. Como deve ser o dia-a-dia dos vizinhos e moleques do bairro que não têm ou não tiveram certas oportunidades das quais ele teve? Dia após dia, olhares escravocratas,

furto emblemático da sua essência. *Égua doido, quanto ódio*. Sua inocência pouco a pouco escoando por entre as valas da consciência, o lixo da memória.

Utilizei conversas diárias para construir um diálogo entre narrativa textual com fontes memoriais. Marvin e Marina me relataram esses dois momentos de forma furtiva e eventual, em uma das inúmeras vezes que nos encontramos. Podes até considerar estranho a narrativa de dois momentos que instigam pesar, mas escolhi esses dois relatos porque julgo que eles ajudam a compor um quadro sobre dois moradores do Tapanã, uma professora e um ator, e o contato com a violência. Acredito que a composição destes elementos no cotidiano dos dois não se prefiguram como exclusividade do Tapanã, mas podem ser percebido e sentido como fenômeno inerente a um processo de (re)produção e criação da realidade em coletivo neste bairro (note, advém do trabalho, da produção social, da feitura da cultura, da moradia e da educação em Belém).

Em um diálogo através do cotidiano com os dois, poderia tratar de uma multiplicidade de fenômenos típicos daquele lugar: do excesso de religiosidade pulsante – um louvor cristão ressoante. Da expressão exasperada de uma multidão dirigindo-se a afazeres diários, desde às 4 ou 5h da manhã. Das visagens no Cemitério do Tapanã. Da sonoridade das festas, bares e da movimentação diária nas feiras. Dos vizinhos e parentes que se aglutinam nas portas da casa em churrascos e aniversários ao som do melody, do batidão e dos arrochas do momento. Da galera do Pote – *uma galera do Tapanã que gosta de curtir as aparelhagens no estado do Pará, 100% curtição*³. Do seu Vicente – um dos maiores comerciantes da feira local. Da movimentação em torno dos grupos de dança regionais Orgulho da terra e Sensação junina. De um dos lugares que já fôra espaço de lazer, o igarapé da Piçarreira. Ou mesmo do consumo de álcool e outras drogas. Mas de fato, uma das simbologias que mais pulsam em torno do Tapanã é o espectro do crime que o circunda⁴. Atenhamo-nos a um momento específico vivido por nós três na

³ Texto retirado da página no facebook da mencionada Galera do Pote. Em Belém alguns fã clubes se reúnem nos bairros para seguir, acompanhar e frequentar espaços típicos onde rolam os bregas marcantes e techno melodys, geralmente o que acompanha carretilhas, aparelhagens e sons automotivos.

⁴ Outro dia fui fazer uma experiência, procurar o sentido resguardado por um *streaming* de buscas de vídeos, o youtube, jogando lá o termo “Tapanã”, me pareceu um sintoma da produção de significados gerados no

madrugada do Tapanã. Ainda lembro do primeiro impacto, do coração batendo forte, das faces ardentes e ruborizadas, do efeito do álcool se dissipando...

VII

“Em 2013 tinha por volta de vinte e dois anos e à essa época já tinha me encantado por algumas figuras do movimento estudantil na UFPA. Estava disposto a conhecer novas vertentes que direcionassem certo ímpeto por mudança, certo tipo de repositório de onde pudesse fazer jorrar minha indignação. Conheci então um grupo de amigos do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados - PSTU, do qual um aos meus olhos se despontava com sublime diferença. O encanto produzido por aquela fisionomia, aqueles trejeitos, a troca de possíveis trajetórias docemente inventadas, seduziram-me os desejos. Fomos envolvidos pela política, pela ternura, pelas delícias dos segredos e do mistério. Ele era do Tapanã, chamava-se Marvison, alto lá Marvin. Em muito pouco tempo passei a conviver nesse bairro que me causava certas noções e antipatias. Lembro que, anos antes disso, quando passava perto, podia sentir uma sensação de alívio em não precisar estacionar ali. “Ixi, deve ser perigoso pra porra”.

Começamos a sentir total necessidade de estar próximo um do outro. A falta se expressava em um aperto incomum próximo ao peito que nos interligava de forma magnética e desenfreada. Errantes, ambos estudantes e estagiários, tínhamos pouco dinheiro, mas de todo jeito, fazíamos de um tudo pra nos encontrar, seja em festas que permitiam que estudantes universitários entrassem de graça, onde a latinha de cerveja se vendia a 1 real, ou então nos bares típicos da juventude universitária, na coleta que de pouco em pouco fazia nossa ment... quer dizer, nossa alegria!

Frequentamos reggaes, aparelhagens, botecos e bares, passeatas, reuniões, greves, pontos turísticos e emblemáticos, casas e mais casas de amigos, do centro e da periferia de

entorno do bairro. O que surpreende é a predominância excessiva de links com conteúdo policial e violento. Dos 50 primeiros vídeos, em mais de 40, o Tapanã aparece desenhado como um espaço que produz proeminentemente um imagético de assassinatos, tráfico, assaltos, busca policial, prisões e açoitamentos em plena luz do dia. Convertido em uma plataforma internacional de vídeos, o Tapanã de forma discursiva, no youtube, nos é apresentado intensamente como reprodução social da violência.

Belém; viajávamos e voltávamos sempre fincando e ramificando raízes pela cidade. Frequentemente entre um porre e outro, podíamos aprofundar o reconhecimento de um olhar, de um sorriso e de um ardoroso beijo apaixonado. Transitando por esse espaço recheado de ideologia, numa atmosfera cultural que se pretendia rebelde, tentávamos nos desprender das amarras morais dos nossos antepassados (pelo menos na nossa possível ingenuidade, tentávamos subverter a faceta de costumes conservadores).

Mas, terei que desafogar esse momento meloso e romântico, tentarei ser mais objetivo, mas a contração dessa fina subjetividade implica incisivamente nessa retomada de memória. Os sentimentos que o próprio território me inspira, poderia fraturar-se, caso eu não lhe explicasse o ardor que me levou a quase oito anos de proximidade com o Tapanã.

Certa sexta, saindo do Mormaço, e não satisfeitos pelo tempo que ficamos juntos, decidimos continuar aquele encontro indo ao Tapanã, podíamos dormir lá. Fizemos todas as combinações e estratégias de que eram necessários para dispintar a mãe e o pai dele. A mínima desconfiança, vejo hoje quase inevitável, poderia causar uma verdadeira erupção de traumas guardados e esquecidos por uma sexualidade velada e impedida. Escondíamos-nos com vigor, a homossexualidade havia nos transportado para becos onde os muros, altos e enrijecidos, não nos permitiam fluir tão tranquilamente, atentavam para um confinamento desejoso de invólucros.

Sua irmã, Marina, estava indo conosco, ainda não a conhecia muito bem; ela ainda *nem sabia de nós dois*, ou pelo menos fingia não saber, mas de qualquer forma não ligava; lembro que já havia me encantado por ela, muito simpática, extrovertida, gostava da noite e das festas igual nós dois. Uma parceira, de certo, para noites de um brio amazônida.

Chegamos ao Tapanã! Uma sensação nova se produzia sobre o espaço, tinha por interesse conhecer esse ambiente, descobri-lo entre sutilezas e misérias. Pelo horário que chegamos, umas 3h da manhã, o bairro estava deserto. Para que se chegue a casa dos meninos tínhamos que arrodar a feira do Tapanã, no fim da linha. Era necessário, ainda, seguir por uma rua a direita, 3 minutos a frente dobra-se em uma esquina com enorme mangueira. Seguimos direto por ela mais uns 10 minutos.

Minha consciência permeada por figurações antigas me instigava: “o contato premente com a miséria pode transformar as virtudes em loucura demasiada”. Pensava que enxergaria olhos cheios de uma malícia e ódio retorcido, vibrando próximo de sorrisos cheio de dupla intencionalidade. Atentava para esse imaginário, contudo embora recorrente... Mas, voltemos a continuação do relato.

Os irmãos deviam ter percebido minha apreensão em caminhar pelo Tapanã porque decidiram me encarnar um pouco. Percebendo o meu relevo sombrio, que muito combinava com o vazio da madrugada, me contaram uma historia sobre a recorrência do crime na rua paralela à da mangueira, rua essa que teríamos que passar para que alcançássemos a casa deles.

“Passando por essa rua estamos salvos... é uma das ruas onde o tráfico rola solto... de vez em quando a gente escuta uns tiros vindo de lá.... a ROTAM⁵ passa direto, invade a casa dos cara... mano, rola tiro e os caralho... então, quando a gente tiver passando por lá... e como já é tarde... Se a gente sentir que o clima tá pesado... e ti disser corre... TU CORRE MANO!”, entrecortavam-se as vozes de Marvin e Marina.

Claro que eu não considerava totalmente a veracidade aterrorizante daquela perfídia, mas vai que fosse! Não morando ali, não podia contar com a boa-venturança da coragem, que naquele momento me fugia totalmente, e de qualquer forma como estávamos no clima, decidi entrar no jogo. Sim! Com certeza, eu sabia que era um jogo... Eu ia tentar garantir um mínimo de moral, resguardar minha imagem.

Bom, continuávamos caminhando pela rua da mangueira (a única asfaltada, e asfaltada até um pedaço) intocando todos os pertences nos locais mais inusitados possíveis, por dentro da calça e sutiã em todos os ângulos em que celulares, carteiras e bolsa pudessem ser confinados. Cortando uma pequena ruela que daria à paralela sinistra em que deveríamos estar atentos ao máximo, escutei como num breve estribilho o ressoar da voz crescente dos dois irmãos. “COOOOOORRE!”.

⁵ Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas – Comando especial da polícia militar em Belém.

Nem precisava ter dado tanta ênfase, corremos desenfreadamente, desembestados, até a próxima rua de terra batida que já daria para a transversal onde, bem próximo, estava a casa deles. Sob uma gargalhada ressoante podíamos sentir o prazer da adrenalina ao mesmo tempo que os irmãos encarnavam da minha pouca hombridade e destreza. Eu não era o mais corajoso e intrépido dos belenenses, nem o mais covarde gala-seca, mas em compensação essa simbologia sobre o Tapanã, em um dos meus primeiros contatos com ele, começaram a se reproduzir a partir dali, não é tudo isso, e não é muito menos que isso. “Tu não chegaste a conhecer o tubo e o barro mole ainda, isso não é nada!”

VIII

Quanto mais difícil certa experiência, mais brilhantes serão nossos presentes, mais velado será nosso sono? As vezes as experiências, quanto mais difíceis, mais provocam traumas que afetam não somente a nossa própria individualidade (qual adolescência não superada), os cercos de uma consciência confinada ao absoluto silêncio de uma alma pesarosa também podem afetar àqueles em volta de ti. Então, não quero construir axiomas, mas não devemos sempre supor que quanto mais difícil uma experiência e a estratégia que a cerca, mais será a resistência provocada para que suponhamos uma vida emancipada do trauma.

Me lembra muito a composição burlesca de Goethe quando identifica que somente os vagabundos de mérito natural (divino ou de nascença) poderiam gozar da modéstia. Percebes que estou fazendo uma crítica pra que percebamos onde se esconde o sujeito satisfeito e venturoso, que conseguiu trabalhar sobre situações incrivelmente adversas, mas manteve um sorriso ameno e uma doce passividade na conduta?

No relato pudeste perceber o tom jocoso na caminhada quase corrida, do ponto de ônibus até nossa morada, mas também é evidente o medo em todos nós, em mim visitante ou nos dois moradores. Ao mesmo momento que podemos dizer que este assunto deveria ser tratado com tensa “seriedade”, gostaria de considerar a comédia, a

encarnação como a gente fala por aqui, como elemento de estratégia de sobrevivência. No curto prazo ela funciona de modo a descaracterizar essa tensão entre o território, ela me proporcionou mais tranquilidade de adentrar, posteriormente, no Tapanã.

Nos outros dias, recuperando a memória e o escárnio, comecei a me tranquilizar ante a necessidade de precisar chegar em horários mais melindrosos. Não que somente esse fato já tenha me tirado todas as impressões de violência sobre o lugar, ele apenas torna a ocupação da cidade, a qualquer horário, coisa mais plausível. É possível imaginar, com o misto de estratégia necessário, a possibilidade de construir uma pertença identitária nesses espaços.

Porque de fato o espaço, repito, é violento. Uma ocupação urbana (se lermos o período e o lugar onde ela se assenta) pode ser algo totalmente indesejado pelo capital concentrador e pelo estado subserviente. Logo as políticas voltadas para o ensejo de uma convivência democrática e livre estão tensionadas pelo descaso e pelo desaparecimento de recursos que possam fazer da área, antes improdutiva (ou pouco produtiva), um local de bem-viver.

IX

Voltemos ao olhar de quem mora desde há muito nesse lugar. Quando recuperei relato deste dia, mostrei-o a Marina e Marvin, e lhes perguntei sobre a sensação, a provocação no instinto dele e dela quando ouvem alguém falar do Tapanã como lugar muito perigoso. Nas palavras de Marina:

Antigamente eu achava meu bairro mais violento em relação a assalto, era um medo que eu tinha de ser assaltada não gostava de morar, achava que existia muito ladrão e sentia muito medo de ser assaltada, até ressaltava mesmo, falava sobre isso que era um lugar muito perigoso mesmo, digamos endossava essa fala das pessoas de fora, chegou um período que eu tive vergonha de dizer o lugar onde eu morava porque além de nós morarmos no Tapanã, a comunidade que eu moro é uma comunidade conhecida como, pela violência né, por assalto, por morte.⁶

⁶ Relato de Marina Muniz, por telefone no dia 01 de Setembro de 2018, Belém, Pará.

A violência de fato é presente. Mas para quem convive no ambiente ela passa a se refazer. Contradiz o caráter apocalíptico, a ideia de que não teríamos como sair ilesos. Os aspectos, portanto, vão se modificando a medida que passamos a ter contato não só com o ambiente, mas com uma leitura de mundo que agregue uma nova roupagem ao lugar, um novo olhar.

Hoje as minhas preocupações são diferentes, não é em relação a assalto, é em relação a morte, a morte né, da polícia contra nós moradores, e da melícia eu sinto medo disso, e medo da violência em relação a estupro, é esse meu maior medo também, de ser estuprada dentro do meu bairro, então qualquer situação de aproximação de homem é algo que eu sinto medo, hoje meu medo é diferente do que eu sentia no passado, e hoje digamos eu tenho, eu me identifico com o meu bairro, hoje eu digo que ele tem as suas singularidades, mas também é um bairro que é bom de se morar, porque ainda se encontra o verde, ainda é um lugar com ar de interior, mas é marcado com essas mortes do povo pobre, pelo tráfico, pela polícia.⁷

Veja só como se comporta o olhar dos moradores do Capucho quando submetidos a entender ou conviver com outro espaço de ocupação urbana. Marvin lembra que o Tapanã tem vivenciado um aspecto instigante, mais pra trás de onde ele mora, depois do cemitério, uma nova área foi ocupada:

E engraçado assim porque a gente mora quase no centro do tapanã, tipo, da área que eu moro é mais ou mesmo o centro, mas tem as pessoas que moram muito mais afastado, tipo, lá pra banda do igarapé, ou então lá pra portelinha que é uma nova invasão, como eu ti disse tem as bordas do tapanã que elas vão crescendo cada vez mais, e aí nós do Tapanã começamos a fazer o que as pessoas fazem com o Tapanã, começamos a: “ai tu mora na portelinha é, me rouba logo!”, sabe, tipo, e lá é lugar muito mais precário que esse lugar onde eu moro, então é o que eu tô ti falando, quanto mais miserável, mais a noção de risco, de violento, de violência que a gente tem né, lá é tipo um favelão, muito favelão mesmo, assim sabe, e não tem nem energia elétrica, não tem poste, as casas são ainda de plástico, então a gente tem essa noção de que lá tá o bagaço do bagaço da

⁷ Idem, 2018.

sociedade, da humanidade, do humano.⁸

É possível com isso perceber certos fenômenos que muito provavelmente o capucho tenha presenciado, a construção simbólica do termo “invasão”: lugar perigoso, com baderneiros e vândalos. É neste contexto que o convívio com a ocasionalidade presente da violência a torna elemento naturalizado.

É engraçado porque a gente assume isso também pra cá, tipo, depois da rádio é que eu perdi um pouco do medo que eu guardei assim do tapanã, tipo entrar e sair do meu bairro com uma tranquilidade muito maior do que eu não tinha, tipo olhar assim mesmo, égua não, esse lugar aqui não, não é só de bandido, então, eu não preciso estar com esse medo exacerbado, por que eu não tenho medo de andar assim tipo no ver-o-peso que também é muito perigoso, ou até aquelas ruas mesmo do centro que rolam assalto direto assim, mas é um lugar de violência, principalmente violência policial né, tipo eu não sei nem se eu tenho muito mais medo do ladrão que pode me roubar e só me roubar ou da polícia que pode me roubar me matar e ainda dizer que eu era ladrão, me mataram porque eu era ladrão.⁹

Afinal, o que existe neste espaço, desenhado sobre esses pressupostos que deve aglutinar um sentimento de pertença? Grande parte dos trabalhadores emancipados financeiramente, buscam fugir desses espaços, buscam melhorias que os aproximam, pelo menos, das estradas que o ligam mais perto do centro. Porque então ocuparíamos as áreas mais adentro?

A comunicação pulsante sobre essas áreas, com sua paisagem demarcada em relevo, constroem uma força tal sobre nosso imaginário, que mesmo que não queiramos, muitos de nós, entram em verdadeiro estado de pânico quando adentram essas áreas de periferia. Podemos tentar sorrir, mas nosso riso estremece e contorce nossa face. Como se usássemos um disfarce, sucede queda na pressão arterial e uma descoordenação que apodera-se dos movimentos motores mais básicos. Um congelamento dos nervos, então,

⁸ Relato de Marvin Muniz, por telefone no dia 31 de Agosto de 2018, Belém, Pará.

⁹ Idem, 2018.

provoca insegurança e desgaste de todas as doces ilusões provocadas por uma natureza que prometia uma capacidade de adaptação sem precedentes. As estratégias permitem que nossa consciência viaje para além dos muros da objetivação dos outros, construindo na imagem, no peso carregado do teu sorriso, possibilidades de interação. Considero que esses pequenos contatos, que aqui foram alimentados através da encarnação, afrouxem as amarras do medo que sufoca nossa existência na cidade. Nesse âmbito, quis mostrar os aspectos concernentes a esse tipo de estratégia que permite ocupar (cultural e politicamente) essas áreas periféricas.

Belém, Promorar, terça-feira, 18 de Dezembro de 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, Honoré de. A Comédia Humana – A pele de Onagro. Tradução de Gomes da Silveira e Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, v. XV, 1954.

BELÉM. Anuário Estatístico de Belém 2012. Disponível em:
www.belem.pa.gov.br/transparencia/wp-content/uploads/2017/06/2_01_Demografia.pdf

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos Campos de Cachoeira. 3ª ed. Belém, Pa: Cultural CEJUP, 1991.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990.
(Coleção repertórios).

MENDONÇA, Valmiki. Tapanã: a hospedaria do diabo. Prefácio por Gilberto Freyre. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1983.

MONTEIRO, Benedicto. Verde Vagomundo. 3ª ed. Belém, Pa: Cultural CEJUP, 1991

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Revista Projeto História. São Paulo, v. 14, 1997.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Formação metropolitana de Belém (1960 - 1997). Belém, Pa: Paka-Tatu, 2016.